



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SERGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DEUZIMAR MOREIRA SOARES

**NARRATIVAS DE IDOSOS DA COMUNIDADE KALUNGA TINGUIZAL:
SABERES E FAZERES VIVIDOS**

ARRAIAS

2021

DEUZIMAR MOREIRA SOARES

**NARRATIVAS DE IDOSOS DA COMUNIDADE KALUNGA TINGUIZAL:
SABERES E FAZERES VIVIDOS**

Monografia avaliada e apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus* Universitário de Arraias, para obtenção do título de pedagogo e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva
Fonseca

ARRAIAS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S676n Soares, Deuzimar Moreira.
Narrativas de idosos da comunidade Kalunga Tinguizal: saberes e fazeres vividos . / Deuzimar Moreira Soares. – Arraias, TO, 2021.
38 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2021.
Orientadora : Eliana Gonçalves da Silva Fonseca

1. Saberes e Fazeres. 2. História Oral - Idoso. 3. Comunidade Kalunga Tinguizal. 4. Valorização - Preservação. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

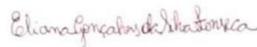
FOLHA DE APROVAÇÃO

DEUZIMAR MOREIRA SOARES

NARRATIVAS DE IDOSOS DA COMUNIDADE KALUNGA TINGUIZAL: SABERES E FAZERES VIVIDOS

Monografia foi avaliada/o e apresentada/o à UFT
– Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia para
obtenção do título de Pedagogo e aprovada em sua
forma final pelo Orientador e pela Banca
Examinadora.

Data de aprovação: 19/04/21



Prof.^a Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, UFT
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Aline Fagner de Carvalho e Costa, UFT
Professora Avaliadora 1



Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão, UFT
Professor Avaliador 2

Arraias-TO, 19 de abril de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu guia, por ter me dado força para superar e conseguir chegar onde estou, pois, sem Ele, sei que não teria conseguido realizar meu sonho.

Agradeço especialmente à minha família que é minha base, principalmente à minha mãe, Idalina Edeltrudes de Moreira, e ao meu pai, Teotônio Pereira Soares, que me deram apoio e que me incentivam nos meus estudos – eles me tornaram uma pessoa melhor. Agradeço à minha querida vó e à Sra. Joaquina Edeltrudes Moreira, por fazerem parte da minha pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Me. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, pelos momentos de dedicação e paciência, por compreender os momentos de angústia, de medo e, principalmente, de desabafo. Obrigada pela força e pelo apoio nos momentos de desânimo.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Aline Fagner de Carvalho e Costa e Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão, por participarem e contribuírem com esta pesquisa.

Agradeço a todos meus irmãos e à minha esposa, Eliete Moreira Santiago, por todo o carinho e pela oportunidade de ser um exemplo melhor.

Agradeço a todos os meus colegas pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelos momentos de alegria, tristeza e angústia compartilhados no decorrer do curso.

Agradeço também à Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus* Arraias, pela oportunidade a mim concedida de fazer parte dos acadêmicos dessa graduação tão importante; e aos professores do referido curso, que contribuíram para ampliar os meus conhecimentos e aprimorar meu desempenho profissional. Aprendi muito com todos vocês!

E aos meus amigos, Juami, Wagner, Jurima e Jair, pelo apoio e pelos conselhos para seguir em frente na busca dos meus sonhos.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema os saberes e fazeres da comunidade Kalunga, em que se justifica a necessidade de refletir sobre a preservação desses aspectos que têm sido substituídos por outras práticas da vida moderna. O pesquisador possui identidade Kalunga e é habitante da Comunidade Tinguizal; logo, pretendemos manter a tradição desse povo. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa é preservar e registrar os saberes e fazeres da comunidade Kalunga Tinguizal, no município de Monte Alegre de Goiás, Brasil, por meio das narrativas dos idosos. Como objetivos específicos, visamos identificar os saberes e fazeres da comunidade; refletir sobre as maneiras de preservá-los frente às mudanças advindas com novos hábitos; e entender os saberes e fazeres da comunidade Kalunga Tinguizal. Realizamos uma investigação pela abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica e de campo. Esta última se estruturou mediante a aplicação de entrevista semiestruturada, sob o viés da história oral de vida, cujas técnicas de coletas de dados aconteceram na referida comunidade por meio de narrativas de duas pessoas idosas. Ouvir as narrativas de vida é uma ferramenta metodológica voltada a valorizar os saberes e fazeres da cultura Kalunga e representações de sujeitos. Como resultado das análises das narrativas, constatamos a relevância da valorização e preservação dos saberes e fazeres, assim como dos jovens nesse contexto como multiplicadores culturais. Nesses termos, enfatizamos a importância de diálogo permanente nas comunidades quilombolas sobre a própria cultura.

Palavras-chave: Saberes e Fazeres; História Oral de Idosos; Valorização e Preservação; Comunidade Kalunga Tinguizal.

ABSTRACT

This research has as its theme the knowledge and practices of Kalunga community, which justifies the need to reflect on the preservation of these aspects that have been replaced by other practices of modern life. The researcher has a Kalunga identity and is a resident of the Tinguizal Community; then, we intend to maintain the tradition of this people. Therefore, the general objective of the research is to preserve and register the knowledge and practices of Kalunga Tinguizal community, in the municipality of Monte Alegre de Goiás, Brazil, through the narratives of elderly people. As specific objectives, it aims to identify the knowledge and practices of the community; to reflect on the ways to preserve them in the face of changes arising from new habits; and to understand the knowledge and practices of Kalunga Tinguizal community. We conducted an investigation using the qualitative approach and bibliographic and field research. The latter was structured through the application of an open interview, under the bias of oral life history, whose data collection techniques occurred in that community through the narratives of two elderly people. Listening to life narratives is a methodological tool aimed at valuing the knowledge and practices of Kalunga culture and representations of subjects. As a result of the analysis of the narratives, we recognized the importance of valuing and preserving knowledge and practices, as well as young people in this context as cultural multipliers. In these terms, we emphasize the importance of permanent dialogue in quilombola communities about their own culture.

Keywords: Knowledge and Practice; Oral History of Elderly People; Valuation and Preservation; Kalunga Tinguizal Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Casas na comunidade Kalunga	12
Figura 2 - Outra residência na comunidade Kalunga	13
Figura 3 - Roça do toco	15
Figura 4 - Roça de toco no modelo de cultivo de arroz praticado na comunidade Kalunga	15
Figura 5 - Colheita de arroz em forma de cachinho	15
Figura 6 - Mulheres dançando sussa	16
Figura 7 - Senhora Joaquina	23
Figura 8 - Senhor Teotônio.....	24
Figura 9 - Plantação de arroz	29
Figura 10 - Mudas de arroz.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	Novo Coronavírus
EF	Ensino Fundamental
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Aspectos gerais da pesquisa, entrelaçados às memórias do pesquisador	8
2 REFLEXÕES SOBRE OS SABERES E FAZERES DA COMUNIDADE	
KALUNGA.....	11
2.1 Breve histórico dos quilombos no Brasil	11
2.2 Origem da comunidade Kalunga	12
2.3 Rezas e benzimento na comunidade Kalunga.....	13
2.4 Roça de toco na comunidade Kalunga.....	14
2.5 A sussa na comunidade	16
3 CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	19
3.1 Diário do pesquisador	20
3.1.1 O encontro com a senhora Joaquina e o senhor Teotônio	20
4 OS SUJEITOS DA PESQUISA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA	23
4.1 Histórias de vida e memória	23
4.2 Narrativas de Joaquina Edeltrudes Moreira e Teotônio Pereira Soares	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	37

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aspectos gerais da pesquisa, entrelaçados às memórias do pesquisador

O presente trabalho objetiva analisar os saberes e fazeres da comunidade por meio de narrativas de dois idosos. Entretanto, antes de dissertar sobre esse assunto, desejamos iniciar a narrativa de pesquisa com a história de vida do pesquisador, escrita na primeira pessoa do singular, com vistas a relatar alguns acontecimentos que me marcaram e me direcionaram para investigar o tema proposto.

Nasci na tarde do dia 27 de janeiro de 1996, em uma comunidade Kalunga da fazenda Tinguizal, no município de Monte Alegre de Goiás. Sou filho de Idalina Edeltrudes Moreira e Teotônio Pereira Soares, que possuem dez filhos, e cresci junto aos meus irmãos, sempre respeitando as pessoas mais velhas. Ao longo do tempo, meus irmãos se casaram e foram morar em suas casas próprias, mas eu fiquei lá, com “carinha de triste”.

Meus pais são analfabetos e o acesso à escola não era fácil, pois morávamos distante dela. Como eram responsáveis e sabiam da importância da educação, nunca nos deixaram de nos enviar à escola e, todos os dias, cobravam as tarefas de casa – quando chegávamos em casa, eles nos perguntavam se tínhamos lição de casa para realizar. Como eles não conseguiam nos orientar nas atividades, pois trabalhavam na roça para nos dar o alimento; logo, precisávamos pedir a ajuda das pessoas que possuíam certo grau de conhecimento.

Quando chegavam da roça, pediam para lermos o que o professor havia passado para nós, e minha mãe sempre nos dava conselhos para sempre caminharmos pelo caminho do bem, pois não aceitavam que pessoas mais velhas nos chamassem a atenção. Nessa vida eu apanhei muito, porque era uma criança bastante “levada” – acho que mereci todos aqueles cascudos – e, sempre que fazia coisa que não agradava aos meus pais, me colocavam de castigo em cima do caroço de milho. Enfim, agradeço muito a eles por me educarem e me ensinarem que a vida não é fácil como pensamos e tenho muito orgulho de ser filho deles, pois me tornei uma pessoa melhor devido ao esforço dos meus pais.

Durante a infância, não pude frequentar a escola; logo, a alfabetização ocorreu em casa. Com oito anos de idade ingressei na Escola Estadual Kalunga II, localizada no território da Fazenda Riachão e considerada a melhor instituição da comunidade. Recordo-me dos momentos em que eu, meus irmãos e meu primo nos dirigíamos para a escola e, no caminho, brincávamos muito – havia dias em que eu chegava à escola após percorrer aproximadamente seis quilômetros todo sujo e suado, em razão das brincadeiras realizadas no percurso. O recreio

era a melhor parte, pois brincava com os meus colegas. Apesar de ser tímido, sempre mantive uma boa relação com todos e, nessa escola, os professores gostavam muito de mim, pois era um aluno dedicado e sempre fazia todas as tarefas.

Aos 14 anos, concluí o Ensino Fundamental (EF) na Escola Estadual Kalunga II. Após isso, tive o incentivo da minha mãe para continuar com os estudos na Escola Agrícola David Aires França próximo, a Arraias, Tocantins, onde terminei o Ensino Médio juntamente com o curso técnico em Agropecuária. Em 2016, com a ajuda do meu irmão, comecei a minha experiência profissional na Escola Estadual IV Extensão Curral da Taboca como secretário escolar – ali pude perceber que ministrar aulas para muitos alunos não seria algo bom. Fiquei pelo período de um ano, e, ao final de 2016, inseri minha nota no Sistema de Seleção Unificada (SISU) e ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus Arraias* em 2017.

No primeiro período do curso, após uma semana de aula, percebi que o Ensino Superior é totalmente diferente do Ensino Médio, com mais exigências na grade curricular. Já no segundo e no terceiro período, as atividades começaram a ficar mais difíceis e comecei a ter dúvidas em relação aos conteúdos, o que me fez recorrer aos colegas e professores, os quais me ajudaram bastante nesse contexto. No quarto, quinto, sexto e sétimo período, as atividades ficaram cada vez mais complexas – nesse percurso relatado por mim, sempre valorizei minha vó Joaquina e meu pai que estão ao meu lado.

Já no estágio de observação e regência, o acadêmico tem a ciência de que terá que assumir a sala de aula com alunos e professores regentes. Já no oitavo período, a grande dificuldade se refere à participação no último estágio, cujo conteúdo foi diferenciado em razão da pandemia ocasionada pelo Novo Coronavírus (COVID-19); logo, a UFT suspendeu as aulas presenciais por sete meses. Depois disso, retornamos de forma remota a aulas e precisei terminar o oitavo período por meio de aulas *on-line* – apesar dos percalços, consegui finalizar com êxito.

No nono período, infelizmente continuamos com aula remota, em razão das incertezas ocasionadas pelo fim (ou não) da pandemia. Tudo foi resolvido a distância, principalmente as aulas e a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual pretendia contar as histórias da minha comunidade. Diante disso, definimos como questão norteadora a necessidade de desenvolver a pesquisa direcionada à valorização dos saberes do povo Kalunga para demonstrar aos jovens o sentido de preservar a cultura da comunidade Kalunga Tinguizal.

A partir dessa proposição, elaboramos o objetivo geral da pesquisa: a necessidade de preservar e registrar os saberes e fazeres da comunidade Kalunga Tinguizal no município de

Monte Alegre/GO por meio das narrativas dos idosos. Para tanto, seguimos os seguintes objetivos específicos: identificar os saberes e fazeres da comunidade; discutir maneiras de preservá-los frente às mudanças advindas com novos hábitos; e entender os saberes e fazeres da comunidade Kalunga Tinguizal no município do Monte Alegre/GO.

Torna-se necessário destacar que, em Goiás, os saberes e fazeres da comunidade têm sido dizimados e substituídos por outras práticas oriundas da vida moderna. Porém, há uma grande preocupação do pesquisador, por ser um quilombola de identidade Kalunga e habitante da comunidade Tinguizal. A descendência Kalunga se perpetua por ser uma história na qual se mantêm as tradições, em que os integrantes apresentam um olhar sobre o mundo e, ao se verem distantes, se sentem sem destino, por ser um local de referência às suas respectivas histórias.

Escolhemos a pesquisa qualitativa como a abordagem mais adequada para estudar a comunidade Kalunga, além da entrevista aberta com dois idosos do local investigado. Esperamos que o estudo, a partir das análises das narrativas das histórias de vida dos senhores participantes e que estarão registradas em suas memórias, preservem os saberes e fazeres da comunidade. Ademais, acreditamos que o registro histórico das práticas cotidianas colabora para a preservação delas no seio dos habitantes do referido local. Valorizar as narrativas das pessoas idosas da comunidade e conscientizar os jovens é de extrema importância da preservação dos saberes e fazeres por meio do aprendizado dessas práticas.

O referido estudo foi estruturado da seguinte forma: “Introdução”, em que apresentamos os aspectos gerais entrelaçados as memórias do pesquisador; “Reflexões sobre os saberes e fazeres da comunidade Kalunga”, na qual abordamos os fazeres e saberes a partir dos referenciais teóricos levantados no estado da arte sobre as comunidades Kalunga no Brasil; “Contexto e caracterização da pesquisa”, em que citamos a pesquisa qualitativa em uma abordagem da história oral de vida, além dos instrumentos da coleta de dados; “Os sujeitos da pesquisa: memória e história de vida”, em que trazemos as análises das narrativas dos participantes do estudo; “Considerações”, que finalizam as reflexões sobre o trabalho; “Referências”, “Apêndices” e “Anexos”.

Esperamos que os leitores tenham uma experiência prazerosa e ampliem saberes a partir da fundamentação teórica e das narrativas dos sujeitos da pesquisa, ao conhecerem o presente estudo.

2 REFLEXÕES SOBRE OS SABERES E FAZERES DA COMUNIDADE KALUNGA

Para contar a história de vida de pessoas e valorizar experiências e vivências do dia a dia, algumas bases históricas são necessárias. Nesta seção, trazemos algumas reflexões sobre a comunidade Kalunga, seus saberes e fazeres a partir de um breve histórico – posteriormente, apresentaremos os saberes e fazeres da referida comunidade.

2.1 Breve histórico dos quilombos no Brasil

Com o intuito de conhecer a história da comunidade Kalunga, iniciamos o presente trabalho por meio de reflexões sobre o histórico dos quilombos no Brasil. Segundo Saraiva (2007, p. 33):

[...] os quilombos começaram no Brasil, quando os portugueses trouxeram os africanos para o trabalho escravo, para que pudessem enriquecer desta forma através da exploração dos africanos. Porém não sabemos quantos escravos foram trazidos para o Brasil. No momento da viagem muitos escravos não resistiram, mas aquele que resistiram a viagem enfrentou o trabalho de escravidão.

Foi uma viagem sem volta, em que muitos deles morreram na travessia do Atlântico. Os que sobreviveram foram subjugados e escravizados pelos colonizadores:

[...] a diáspora dos africanos para estas terras, negros e negras, muitos deles ainda crianças, eram capturados e vendidos como escravos, arrancados de sua casa, sua família, sua terra, seu povo, eram levados para terras distantes, transportados em navios, em condições subumanas, numa viagem sem volta. Muitos deles morreram na travessia do atlântico. Os que sobreviveram foram subjugados e escravizados pelos colonizadores (SARAIVA, 2007, p. 33).

O quilombo no Brasil se iniciou há mais de 200 anos no período colonial e dos cavalgatas, em que os portugueses trouxeram pessoas de vários lugares, principalmente da África para o Brasil, para trabalharem como escravos em minas de ouro e na exploração do pau-brasil. A partir disso, os quilombos se tornaram essenciais para os negros africanos, significam uma resistência para esse povo e, por meio de lutas, foram caracterizados como lugares protegidos e fortificados.

Podemos dizer também que, após a escravidão no Brasil, as comunidades se espalharam em diversas regiões:

Os quilombos significavam resistência para os negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado.

Durante e após a escravidão no Brasil, as comunidades quilombolas se espalharam pelo País em estados como Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram submetidos numa sociedade a qual não os acolhe (DIAS *et al.*, 2017, p. 5).

Os autores supracitados ressaltam a importância dos membros que constituíram o quilombo e ainda destacam a existência de quilombos existentes em vários estados. Logo após a época da escravidão no Brasil, começaram as manifestações das comunidades e houve uma grande revolução com a libertação de escravos que precisaram viver em uma sociedade que não os apoiava de fato.

2.2 Origem da comunidade Kalunga

A comunidade Kalunga investigada é um quilombo localizado no estado de Goiás que abrange os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre em uma área de 280 alqueires. Nessa localidade formada no período cavalgata, os escravos oprimidos pelo trabalho não remunerado não tiveram outra forma de melhorar vidas a não ser com a saída do sistema escravocrata, e ao fugirem das minas, se organizaram e formaram quilombos em diversas áreas do Brasil, os quais eram de difícil acesso.

O termo “Kalunga” fora reconhecido em 1991 como Patrimônio Histórico do Brasil e tem por denominação as comunidades Kalunga que se tornaram oficialmente reconhecidas pelo governo Lula. Elas mantêm os costumes da época em que foram fundadas, como a identidade religiosa, a tradição e a política instituídas anteriormente.

Convém salientar que a comunidade Kalunga é composta por descendentes de escravos, onde manifestam saberes e fazeres, crenças, modo de plantio e sobrevivência com o manuseio da terra. A partir disso se originaram as tradições da comunidade Kalunga como rezas, sussa, benzimentos, roça de toco, entre outras.

Figura 1 - Casas na comunidade Kalunga



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Figura 2 - Outra residência na comunidade Kalunga



Fonte: Elaboração do autor (2021).

2.3 Rezas e benzimento na comunidade Kalunga

Salientamos que as orações são denominadas como “reza” neste trabalho, quando pessoas mais velhas se reúnem em grupos para rezar e se comunicar com o Divino e seus santos. Na comunidade Kalunga, muitos acreditam que essa prática tem o poder de curar as pessoas e é realizada com frequência, por ser tradição e costume desde tempos remotos – hoje em dia, inclusive, ocorre em tempos de festa naquele lugar.

O benzimento ocorre por meio da sabedoria das pessoas mais velhas, com vistas a trazer alento às pessoas com enfermidades e que necessitam de cuidados. Na comunidade pesquisada identificamos vários tipos dessa prática, seja para quebrante, empregada normalmente para crianças recém-nascidas em função do acúmulo de energias negativas advindas das pessoas adultas; para dor de dente, destinada às pessoas que sofrem com dentes e não têm condições de acessar o serviço público de tratamento dentário; para cisco nos olhos; para levantar espinhela-vento, direcionada normalmente a adultos que, em função do trabalho pesado na roça, apresentam cansaço muscular; para cortar sangue; e para batizado.

Evidentemente, os benzimentos representam uma importante tradição para os habitantes da comunidade e expressam uma parte dos saberes cultivados por várias gerações. As pessoas detentoras desses conhecimentos buscam preservá-los ao transmiti-los para filhos, sobrinhos, irmãos e outros que possuem fé e disposição para realizá-los gratuitamente, já que não são cobrados recursos por esse auxílio espiritual.

2.4 Roça de toco na comunidade Kalunga

A roça de toco compreende a prática agrícola desenvolvida pelo povo Kalunga nas plantações de arroz de caráter de sobrevivência, sobretudo nos tempos chuvosos. Antes disso, escolhe-se a área para depois fazer a roça e derrubada. Após dois meses, começa-se a preparação da terra com as práticas de queimar a roça, pegar garrancho e capinar para, enfim, plantar o referido grão.

Figura 3 - Roça do toco



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Saberes e fazeres empregados nas práticas agrícolas no seio da Comunidade Tinguizal são amplos e representam a essência da resistência quilombola. Escolher o local, brocar a roça e plantar não são simples exercícios físicos quando tratamos do povo Kalunga que possui uma série de conhecimentos fundamentados em observações ancestrais repassadas entre as gerações.

Santos (2015) afirma que, para fazer a plantação na comunidade Kalunga, primeiramente há a escolha da área. Inicia-se com o roçado para passar à preparação da terra e, enfim, ocorre a plantação de arroz – demora-se mais de quatro meses para a colheita, de acordo com os saberes e fazeres desse povo.

Na Comunidade a prática de escolher a área, abrir o roçado, preparar a terra e plantar na época correta está ligada a uma série de saberes/fazeres que apenas o ideário camponês pode compreender e explicar corretamente, mas que garante a cada ano a “tuia” cheia com diversos tipos de alimentos. A figura (01) mostra as características da “roça de toco” Kalunga, evidenciando ao fundo a casa para onde o agricultor desloca-se com a família no período em que o cultivo requer mais atenção. As áreas aptas ao cultivo são poucas em relação ao tamanho (SANTOS, 2015, p. 73).

A roça de toco para as pessoas que vivem no território Kalunga é essencial porque, antigamente, as pessoas sobreviviam apenas com a plantação de arroz em sua terra. Hoje, muitos não têm mais interesse de fazer roça.

Figura 4 - Roça de toco no modelo de cultivo de arroz praticado na comunidade Kalunga



Fonte: Santos (2015).

Figura 5 - Colheita de arroz em forma de cachinho



Fonte: Santos (2015).

Santos (2015) dispõe que o segundo elemento identificador entre os aspectos culturais do território Kalunga compreende os eventos religiosos que acontecem tradicionalmente em todos os anos, como as festas de São João, Nossa Senhora da Abadia, entre outras. Esses festejos são influenciados por misturas, uma vez que foram trazidos de outros países para o Brasil e advêm de indígenas e africanos que mantiveram as tradições. Reuniam pessoas de várias comunidades para a comemoração dos períodos de colheitas, sobretudo de arroz, como a comemoração por uma boa colheita.

Nas festas ocorrem os reencontros de famílias que moram em outras comunidades. Elas idealizam e realizam tais eventos com o intuito de haver um compartilhamento de cultura:

O segundo elemento que identifica o território e a cultura Kalunga são as festas religiosas realizadas durante o ano. No território quilombola as raízes africanizadas, hibridizadas pelas influências brancas e indígenas, são evidentes nas manifestações religiosas nas localidades espalhadas entre as

serranias do Vão do Paranã. Os festejos da região do Sucuri, Vão de Almas, Vão do Moleque e Salinas ocorrem entre os meses de junho e setembro, após a colheita dos alimentos. As festas são o momento máximo da confraternização e reencontro do Povo Kalunga espalhados pela região da Chapada dos Veadeiros. São crenças que unem diversas comunidades, conforme nos ensina Claval (2007, p. 115): “partilhar as mesmas crenças religiosas ou metafísicas e participar dos ritos que reúnem os crenças constituem cimentos sociais muito sólidos” (SANTOS, 2015, p. 84).

Percebemos, porém, que os descendentes da comunidade Kalunga veem a comunidade como uma base sólida, pois ali construíram suas histórias e puderam manter suas tradições e religiosidade. Eles também aprenderam a ter uma visão melhor do mundo e trilharam caminhos firmes para prosseguirem suas caminhadas até mesmo fora daquele povoado.

2.5 A sussa na comunidade

Figura 6 - Mulheres dançando sussa



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Com base em estudos e vivências no quilombo, podemos perceber que a sussa é uma manifestação cultural que envolve grupos de pessoas de vários lugares da comunidade Kalunga que se reúnem para realizar essa dança típica a ser posteriormente demonstrada a pessoas de outras comunidades. Nesse caso, há um grande momento de cooperação, comemoração e celebração em vários lugares e, após os agradecimentos aos santos – principal ação dessa prática – se realizam as promessas.

Pessoas da comunidade Kalunga se deslocam para outras localidades com o intuito de apresentar o projeto de sussa e mostrar os valores de suas raízes. Atualmente, há bastante reconhecimento da sussa Kalunga, na qual muitos organizadores de eventos convidam a comunidade para apresentar essa tradição passada por geração em geração por meio da oralidade.

A sussa é mencionada de forma muito carinhosa pelas pessoas mais velhas da comunidade, principalmente pelas mulheres. Há uma referência muito forte à memória afetiva destas mulheres, já que a transmissão cultural da sussa é (ou era) familiar. Elas geralmente aprendiam a sussa com a mãe, avó ou tia. (SIQUEIRA, 2006, p. 93).

De acordo com Siqueira (2006), ressaltamos que a sussa geralmente é exercida pelas pessoas mais velhas da comunidade, inclusive pelas mulheres, pois elas iniciam e dão sentido à dança. Por intermédio delas, o conhecimento tradicional perpassa gerações diversas e o contexto cultural é recuperado de fato, apesar de os jovens não terem mais interesse na sussa como era antigamente e passarem a se interessar por dançar forró e namorar.

A dança da sussa é composta de passos sapateados, que lembra o samba de roda ou uma dança de coco. São vários os adjetivos que as mulheres utilizam para descrever a forma correta de dançar a sussa. Estes adjetivos apontam para um padrão estético de elegância, que remete à leveza. Peneirar, passarinhar, ‘rodado que nem engenho’ são alguns dos termos usados para caracterizar uma sussa bem dançada (SIQUEIRA, 2006, p. 95).

Outro ponto importante mencionado por Siqueira (2006) se refere ao fato de a sussa ser composta por dançarinas e dançarinos que desempenham passos sapateados de forma similar ao samba, mas o ritmo é totalmente diferente. Na sussa, as mulheres utilizam várias categorias, como dançar rodado e pulando, peneirar e passarinhar, de acordo a música. Nesse contexto incluímos as memórias do povo Kalunga, pois inventaram uma dança que se perpetua há vários anos.

Vale salientar que os instrumentos artísticos da comunidade Kalunga são confeccionados por esse povo e não se pode mensurar a criatividade na criação de vários artesanatos de recursos naturais, como tecer um quibano¹, tecer tapiti e peneiras, fazer bruaca de couro, cela, entre outros itens de tecelagem. Nesse local, envolvem saberes e fazeres com empenho e criatividade, sendo elogiados por pessoas de várias regiões:

A comunidade é contemplada com programas e projetos nas diversas áreas: sociais, econômicas, culturais. Alguns programas e projetos estão desativados por falta de mão de obra para trabalhar. Os Jovens vão embora da comunidade em busca de uma condição de vida melhor, nas grandes capitais como São Paulo, Brasília, Goiás. Faz-se necessário repensar a situação para que a comunidade não fique prejudicada com a suspensão desses programas e até mesmo com relação a novos programas e projetos que poderão surgir, após o reconhecimento da comunidade como Remanescente de Quilombolas (LACERDA, 2012, p. 68-69).

¹ Quibano é um objeto arredondado feito de palha da palmeira, geralmente usado no interior do Nordeste para catar/escolha e secar arroz. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

No passado, a comunidade estava voltada aos programas que envolvem projetos culturais no território Kalunga, mas, atualmente, eles não têm ocorrido com frequência por falta de políticas e interesses dos governantes. Os jovens saem da comunidade para ir a outras localidades em busca de condições de vida mais adequadas, pois não encontram infraestrutura com trabalhos que os mantenham financeiramente. Vale ressaltar que os projetos da comunidade devem ser mantidos, valorizados e reconhecidos para melhorar a infraestrutura e evitar o fim do quilombo.

[...] o modo de vida dos povos do campo é entendido como uma configuração bastante dinâmica e que só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade, que hoje inclui as relações sociais que ocupam as comunidades camponesas na sociedade moderna capitalista, entendendo como a relação entre tradição e modernidade e qual lugar ocupam os povos de vidas tradicionais (LACERDA, 2012, p. 57).

No que tange ao modo de vida no campo, antigamente era bastante complexo e ainda trazia sofrimento, cujas moradias eram compostas por casas de barro cobertas com palha do cerrado. Os alimentos eram produzidos por eles mesmos: faziam roça, plantavam feijão, batata doce, milho, mandioca para fazer farinha etc. Na comunidade Kalunga, os moradores ainda permanecem com as mesmas práticas que, segundo eles, é para “não perder o costume”.

Sabemos que as pessoas da comunidade sofriam bastante e não tinham condições de comprar alimentos por falta de dinheiro – até para se dirigirem à cidade, inclusive, uns iam a pé e outros, a cavalo. Atualmente, o modo de vida foi otimizado em vista do que vivenciaram antigamente, visto que o povo da comunidade se desenvolveu e hoje há pessoas da comunidade Kalunga que atuam como professoras, fazendeiras, enfermeiras, entre outras profissões.

Ao longo dos anos, alguns relatos escritos a respeito de comunidades negras escondidas nos vãos de Goiás foram feitos, indicando que essas populações já residiam de forma permanente em algumas localidades. O primeiro desses relatos foi feito pelo Sargento Antônio J. Pereira, no dia 16 de abril de 1821 (FERNANDES, 2014, p. 21).

De acordo com esses relatos, há muito tempo atrás existiam comunidades negras escondidas nos municípios de Goiás. Mas, hoje em dia, elas são reconhecidas pelos pesquisadores e pelo estado, a exemplo da comunidade Kalunga, que se destaca em vários estudos.

3 CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Pautamo-nos em uma pesquisa bibliográfica, a partir de um levantamento por meio do estado da arte, paralelamente com um trabalho de campo associado à abordagem qualitativa. Assim, para a coleta de dados, utilizamos instrumentos como revisão literária, análise documental e entrevistas semiestruturadas.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base no material já elaborado, como livros, dissertações, teses e artigos científicos. Fonseca (2002, p. 32) corrobora com essa assertiva, ao explicar que “a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências publicadas por meio de meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos e sites”.

Propomos para a pesquisa um trabalho com levantamento documental, em que se coadunam as pesquisas bibliográfica e de campo, com enfoque na história de vida. Técnicas de coletas de dados aconteceram na comunidade Kalunga, a partir da abordagem da história de vida de pessoas idosas da comunidade. Nas palavras de Silva (2007, p. 153), no estudo qualitativo, o pesquisador se conserva acessível às revelações analisadas por ele, ao se tornar parte da pesquisa e interagir “continuamente com o universo a ser pesquisado”. Nesse sentido, o investigado e o pesquisador são sujeitos que detêm conhecimento e têm experiência, de modo que “a relação pesquisador-pesquisado deverá ser intensa” (*idem*). Ou seja, são contraídos os sentidos e definições que os sujeitos impõem ao elemento de investigação.

Dessa forma, trouxemos apenas uma questão que norteou a coleta de dados por meio da história oral de vida. Os colaboradores da pesquisa ficaram à vontade, com o intuito de buscar na memória lembranças de um tempo vivido desde a infância. Nesse contexto, as entrevistas foram realizadas oralmente, gravadas e transcritas na íntegra, em conformidade ao distanciamento em decorrência do Covid-19. O diálogo ocorreu na residência das duas pessoas idosas em local marcado e definido de acordo com o interesse das participantes.

Antes da realização das entrevistas, foram entregues a carta de cessão, com vistas a preservar os padrões éticos da pesquisa, e a autorização para o uso do nome pessoal no estudo. Após isso, as transcrições ocorreram por meio da reprodução de um documento (gravação oral) em um segundo exemplar (material escrito).

Para Queiroz (1983, p. 20), a transcrição compreende é feita pelo próprio pesquisador e apresenta, como vantagem, a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”. A pré-análise se inicia durante a transcrição, pois, a cada linha transcrita, são rememoradas

informações que não ficaram gravadas em áudio, mas ocorreram durante a entrevista, como as expressões faciais, o desvio de olhar, as mensagens corporais e as lágrimas.

Antes de partir para a análise propriamente dita, a entrevista transcrita passou por um confronto de veracidade que consistiu em ouvir a gravação baseada no documento transcrito em mãos, com vistas a acompanhar e aferir cada frase, as modificações de dicção, as interrupções, as alterações de humor etc. Vale ressaltar que, após a transcrição, os participantes receberam o texto para correção ou ratificação da entrevista.

Por fim, para a análise dos dados, realizamos uma leitura qualitativo-interpretativa da narrativa e do perfil biográfico dos colaboradores, com o escopo de atingir o objetivo de pesquisa. Vale salientar que as narrativas transcritas foram mantidas em consonância à forma oral, o que respeita a originalidade da pesquisa e o contexto histórico dos sujeitos participantes.

3.1 Diário do pesquisador

3.1.1 O encontro com a senhora Joaquina e o senhor Teotônio

Em 12 de fevereiro de 2021, deslocamo-nos para Monte Alegre de Goiás, mais especificamente à comunidade Kalunga da Fazenda Tinguizal, para realizar uma entrevista com a senhora Joaquina Edeltrudes Moreira – durante essa trajetória, aconteceu uma chuva muito forte e com ventaria, o que nos fez molhar no caminho.

No dia seguinte, fomos à casa da senhora Joaquina para dar início à entrevista. Ela respondia o que lembrava, pois, ao mesmo tempo em que falava, já esquecia – segundo a inquirida, não conseguiria falar mais porque não estava mais lembrando dos fatos. Logo depois, ela nos olhou e falou que, se fosse no tempo em que era mais nova, daria mais detalhes sobre os acontecimentos.

Assim descobrimos o problema do esquecimento da senhora Joaquina, devido à idade bastante avançada. Logo depois, pensamos sobre o tempo de vivência dela na comunidade Kalunga e supomos que deveria contar algo mais dos saberes e fazeres; então, resolvemos acrescentar outras informações e convidamos o senhor Teotônio Pereira Soares para contribuir com a pesquisa.

Já em 15 de fevereiro de 2021, realizamos a entrevista com o senhor Teotônio Pereira Soares para compartilhar as experiências vividas na comunidade Kalunga. Percebemos um momento de emoção e tristeza ao se lembrar dos seus pais e de como a mãe dele faleceu. A história oral da comunidade Kalunga foi relatada por ambos os entrevistados – Teotônio e

Joaquina –, em que compartilharam suas crenças e os fatos vividos. A entrevistada se lembra de aspectos emocionantes sobre sua mãe e seu pai, o que traz choro e tristeza a ela. Clandinin e Connelly (2000, p. 20) definem a pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado.

Essa e outras histórias são essenciais para os que pretendem conhecer as nuances do povo Kalunga, que passou por situações precárias e precisou lutar para garantir a própria sobrevivência. Ouvir as narrativas de vidas por meio da entrevista é uma ferramenta metodológica que propõe valorizar os saberes e fazeres da cultura Kalunga e as representações de sujeitos sociais ao envolver o processo de pesquisa por meio de narrativas das pessoas idosas.

Nessas narrativas são verificados elementos de sabedoria e trajetórias vividas desde o nascimento na comunidade, em que se coloca em prática o que se sabe sobre os saberes e fazeres, além da preservação da cultura Kalunga. Elas se reconstituem como uma teia em diálogos realizados nas entrevistas.

Segundo Bruner (2002, p. 46-47), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente, que “ela pode ser ‘real’ ou ‘imaginária’ sem perder seu poder como história”. Ademais:

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa. Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido (ALBERTI, 2003, p. 1).

A história oral de vida é primordial à pesquisa de campo, ao expressar uma temática de objetividade com narrativas de pessoas idosas que dialogam com o entrevistador e expõem suas ideias com uma concepção de oralidade. Podemos ter acesso a um “mundo” que possui riqueza e diversidade que não conhecemos e que nos são reveladas pelas lembranças narradas no presente (BOSI, 2003).

Para a análise dos dados, realizamos uma leitura qualitativo-interpretativa da narrativa e do perfil biográfico dos colaboradores, com vistas a atingir o objetivo da pesquisa. Na próxima

seção trazemos as análises por meio das narrativas dos idosos com inconsistências ortográficas, pois elas traduzem expressões reais e formas de enxergar o próprio mundo ao respeitar fielmente a linguagem utilizada por eles.

4 OS SUJEITOS DA PESQUISA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA

4.1 Histórias de vida e memória

As histórias de vida refazem o caminho de sujeitos guiados pelos objetivos de identidade. Esse método de reconstrução identitária ordena momentos que marcaram uma vida, por meio do estabelecimento de uma coerência entre os acontecimentos-chaves que obedecem a uma ordem cronológica e, “por meio desse trabalho de reconstrução de si, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1992, p. 13).

Nesse sentido, falar sobre memória e história de vida em lembranças das pessoas idosas – em uma sociedade na qual a individualidade decorrente das tecnologias da informação e comunicação nos “rouba” o tempo de escutar as histórias de quem já viveu muitas experiências e possui perspectivas do que há por vir – se torna uma experiência única para a construção da própria identidade, o que servirá de exemplo e experiência para futuras gerações.

Sob essa perspectiva nos debruçaremos sobre as narrativas da senhora Joaquina e do senhor Teotônio para verificarmos como eles constroem sentido a partir de experiências aos lhes dar a forma de narrativas. Com uma experiência desordenada, os narradores criam enredos e impõem ordem a um fluxo de experiências ao darem sentido a acontecimentos e ações em suas vidas. A memória e a identidade se aliam no “discurso”, em que temos um “baú de experiências” (BOSI, 1979), diamante bruto que precisa ser lapidado ao ouvirmos as histórias de vida dessas pessoas.

4.2 Narrativas de Joaquina Edeltrudes Moreira e Teotônio Pereira Soares

Figura 7 - Senhora Joaquina



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Figura 8 - Senhor Teotônio

Fonte: Elaboração do autor (2021).

De acordo com Pollak (1992), as histórias de vida refazem o caminho do sujeito e são guiadas por objetivos de identidade. Esse método de reconstrução identitária ordena momentos que marcaram uma vida, ao estabelecer coerência entre acontecimentos-chaves que obedecem a uma ordem cronológica “onde, por meio desse trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (*ibidem*, p. 13). Ao questionarmos a senhora Joaquina sobre os pais dela:

Meu pai é Evelino e minha mãe é Aninha Edeltrudes Moreira, minha mãe nasceu no Vão de Almas de Nossa Senhora da Abadia, já meu pai também foi nascido Vão de Almas de Nossa Senhora da Abadia [...]. Não estudou, nesse tempo nem conhecia escola, a profissão deles era lavadouro, tenho recordação da minha mãe e meu pai porque eu não me esqueço deles, eles está [*sic*] com Deus, mas esquecer deles eu não esqueço².

À época, a vida escolar não existia porque os pais dela não sabiam o que era escola:

A maior parte dos nossos conhecimentos adquirimo-los fora da escola. Os alunos realizam a maior parte de sua aprendizagem sem os, ou muitas vezes, apesar dos professores. Mais trágico ainda é o fato de que a maioria das pessoas recebe o ensino da escola, sem nunca ir à escola. Todos aprendemos o como viver sem o auxílio da escola. Aprendemos a falar pensar, amar, sentir, brincar, praguejar, fazer política e trabalhar sem interferência de professor algum (ILLICH, 1985, p. 43).

Havia muita crise e dificuldades, já que a profissão dessas pessoas naquele período era majoritariamente composta por lavadouros que exercem trabalhos braçais no plantio de arroz,

² Informação verbal concedida por Joaquina em 2021 em entrevista.

mandioca, milho e feijão. O tempo que eles tinham era destinado apenas ao trabalho para manter a casa.

Muitas pessoas adquiriram conhecimentos além do contexto escolar, visto que não tinham a oportunidade de estudar. Enquanto isso, hoje os estudantes recebem auxílio, a exemplo do bolsa-família:

Apesar de que eu fui criada mais com minha madrasta, minha mãe me foi [sic] os pedaços, fui criada mais com a velha Coleta, mas Iaiá que me criou junto [sic] mais a velha Coleta. Minha mãe era só a parceiro [sic], depois que minha Iaiá morreu, foi que a minha mãe me pegou³.

A senhora Joaquina comenta que foi criada mais tempo com a madrasta (Velha Coleta) e, depois, passou a morar com a Vó Iaiá. Ela ia à casa da mãe biológica apenas para visitá-la e, logo depois da morte de Vó Iaiá, viveu com a mãe biológica. Nesse momento, precisávamos buscar outras memórias da senhora Joaquina: “fui nascida lá [Vão das Almas], mas, para morar mesmo, morei foi na Fazenda Areia. Minha mãe e Iaiá passou [sic] para morar na Fazenda Areia. Depois que a velha passou, minha Iaiá me tomou para morar com ela e nós morava [sic] na fazenda Areia direto”⁴.

Continuamos a questioná-la sobre a vivência após a fazenda Areia: “Depois da Areia é o momento. Depois que saí da fazenda Areia, já tinha meus meninos, tinha sua mãe, tinha Tico, tinha Chiquim, e Chiquim já nasceu do outro lado do Paraná, lá no Vão do Moleque”⁵.

Ao comentar que saiu da comunidade Areia e já tinha todos os filhos, a senhora Joaquina reforça que cada um tinha um pai diferente, mas todos foram totalmente criados sem uma figura paterna – à época, não havia a responsabilidade de ajudar a criar os filhos e, desde então, “sumiam no mundo” para não cuidar deles. Perguntamos sobre como Joaquina, depois da Areia, passou a morar na Fazenda Tinguizal: “não, mudei pro Riachão na terra do meu pai, de meu pai veio o Milon mais Guinga. Tirou-nos daqui e fomos morar na Fazenda Tinguizal”⁶.

Continuamos com os questionamentos sobre os motivos pelos quais Joaquina foi morar na Fazenda Tinguizal:

[...] foi por causa deles que doou a terra pro povo, foi por motivo de doação de terra, do Guinga mais o Milon, vim morar aqui na fazenda Tinguizal e ainda trouxe seu pai mais sua mãe. Eles morava [sic] na Mochila e ficou [sic] sem saber para onde que iria, e aí Tico ganhou a terra aqui e colocou seus pais também. E aqui nós estamos graças a Deus, estou feliz [...]”⁷.

³ Informação verbal concedida por Joaquina em 2021 em entrevista.

⁴ *Idem.*

⁵ *Idem.*

⁶ *Idem.*

⁷ *Idem.*

De acordo com a narrativa da senhora Joaquina, ela se mudou para a comunidade da Fazenda Tinguizal porque os donos da terra realizavam doações às pessoas que não tinham condições de comprar um terreno. Ela não foi contemplada e ficou desesperada, mas filho dela, Tico, soube da situação e conseguiu um espaço para a mãe – um alqueire de terra na comunidade da Fazenda Tinguizal – e a chamou para viver naquele local. A irmã e o genro de Tico também passaram pela mesma situação, o que o levou a chamá-los para morar com a senhora Joaquina.

Nesse momento, outra narrativa da senhora Joaquina poderia colaborar em relação aos saberes e fazeres da comunidade Kalunga, sobretudo para a preservação da cultura quilombola:

É, meu filho, minha cabeça não dar [sic], mas de roça eu sei de lidar [sic], sei de enxada, de qualquer maneira, agora, festa eu sabia rezar. Hoje eu não sei, acabou tudo na cabeça, que não pude e que não posso, mas tanto fazia dançar e qualquer modo que eu quisesse interessar eu fazia, dançava uma sussa, dançava um balé e entrava na pinga, pintava o seto [sic] e, até o dia limpar, não estava nem aí, mas hoje não acabou. Quando vejo a catinga da pinga, eu já tenho raiva dela (pausa na fala). O meu costume aqui na comunidade é de serviço, o que tem de fazer eu faço, e o que não faço, pois [sic] eu não estou aguentando, é Deus que me dá força, a vontade de trabalhar eu tenho, mas não estou aguentando, estou velha, você pode me precurar [sic] o que for, meu filho, não tenho nada na ideia, a cabeça está ruim. Eu plantava mandioca, plantava o arroz e aí esse trem dava de limpa e eu estava em riba [sic] limpando. Quando dava no tempo da colheita, montava a faca e ia cortar, e aí até colhia tudo⁸.

Senhora Joaquina salienta que a cabeça está “fraca” para responder perguntas, mas, para comentar sobre roça e enxada, ela consegue discorrer de maneira apropriada. Em relação a festas, ela afirma que sabia rezar, dançar forró, pular sussa e beber cachaça até o dia amanhecer e sem se preocupar com nada, mas prefere não opinar sobre isso e sente “raiva” da pinga.

Costumava-se trabalhar com o plantio de arroz, mandioca, milho etc. O terreno era limpo frequentemente para as plantas darem frutos em um ambiente limpo, com boa produção, até chegar o tempo da colheita. Nesse sentido:

As famílias trabalham na lida na roça, plantando na terra e colhendo o que é produzido. A EMATER⁹/Manga presta assistência nas dez comunidades assistidas pelo INCRA¹⁰, auxiliando e dando suporte nas questões agrícolas e implantando projetos que beneficiam as comunidades, melhorando a qualidade das colheitas e conscientizando os moradores a produzir e consumir produtos de maneira sustentável. Plantam em suas terras para autoconsumo, se alimentam do que colhem e uma parte da produção é comercializada no Mercado Municipal de Manga, onde compram as mercadorias que não produzem na própria terra e vendem as mercadorias que plantam. As

⁸ *Idem.*

⁹ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

¹⁰ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

plantações de mandioca servem para se alimentarem, fazer farinha, beiju. A farinha é produzida em quantidade suficiente para estocar e consumir por um amplo período de tempo. Plantam nas suas propriedades de tudo um pouco, hortaliças, frutas, verduras, milho, feijão, mandioca (MONTE ALTO, 2012, p. 98).

A autora destaca que as famílias trabalham em uma terra bem-preparada que, após o plantio, é limpa com a enxada e, quando se finaliza esse processo, há o tempo da colheita para obter todos os produtos cultivados. Há também o plantio de manga, com a orientação de profissionais que auxiliam em práticas de qualidade; e a plantação de mandioca ocorre frequentemente nas comunidades Kalunga – nesse caso, a farinha é produzida em quantidade suficiente para ser consumida por longos períodos e comercializada com o intuito de adquirir outros alimentos que não existem naquele local.

De acordo com Silva Junior (2008, p. 4):

Na sussa, as marcas do candomblé são evidentes: as mulheres dançam girando, com vestidos coloridos, ora aproximando os corpos, ora afastando. Muitas vezes bebem enquanto dançam e o ritmo é marcado pelos cantadores e pelos instrumentos. As letras, normalmente têm duplo sentido (mencionando o baixo corporal) e as mulheres gargalham, gritam e se movimentam em uma espécie de transe. A sussa é tocada pelos músicos foliões. Aparentemente é o único gênero musical que permite a presença da mulher como instrumentista – elas tocam a buraca (espécie de mala rústica de madeira para guardar artefatos durante os deslocamentos em burros). Ela tem variações. Tanto os homens, quanto as mulheres podem cantar. Ela pode ser dançada entre casais, com os corpos se aproximando e se afastando, dando “umbigadas”. Em outros momentos, somente os homens cantam e somente as mulheres dançam. Nesse caso, os volteios são mais constantes, lembrando o candomblé.

O autor refere-se à dança da sussa na comunidade como um estilo marcante. As mulheres se manifestam com mais frequência para dançar do que os homens que, por seu turno, tocam instrumentos e cantam. Nos eventos, elas usam uniformes coloridos, com vestidos e saias grandes de roda.

A sussa é bastante reconhecida nas regiões e pode ocorrer em dupla ou em grupos. São utilizados instrumentos como a bruaca (espécie de mala), o pandeiro, o violão, a caixa de girar folia etc. Vale salientar que a sussa está ligada ao cotidiano dos quilombolas e ao trabalho realizado diariamente nas comunidades.

Também questionamos a senhora Joaquina sobre as formas de colheita: “Nesse tempo tinha fôrma de colher só de cacho de pouco tempo, que passou para o batedor. Antes, tudo era de cachinho, só no bico da faca cortando e juntando na mão”¹¹.

¹¹ *Idem.*

Em consonância à narrativa de Joaquina:

Nessa etapa são envolvidos familiares e vizinhos, que ajudam a “bater e abanar o arroz”, só depois disso ele é levado para secar nos quintais das casas e, posteriormente, ensacado. As sacas de arroz podem ser armazenadas nos ranchos, que são construídos junto às roças, ou nas moradias. A prática mais comum é a estocagem nos ranchos, onde o morador busca o produto conforme a necessidade (FERNANDES, 2014, p. 86),

Segundo o autor supramencionado, a colheita do arroz começa a partir de fevereiro e março. Nesse processo se reúnem familiares e vizinhos para ajudar a colher os grãos sob a forma de batedor e, em seguida, abana-se com as palhas do arroz para deixá-lo limpo. Depois disso, ensaca-se o produto depois de seco para armazená-lo em um local adequado, como os ranchos na cama construídos de pau e forrados de palha de arroz – quando há a necessidade de se alimentar, é preciso ir ao rancho para buscar a mercadoria.

Questionamos a senhora Joaquina sobre as formas de colheita. Ela indicou que havia só o cacho e, com o passar do tempo, resolveram utilizar o batedor. Na primeira opção, utiliza-se o bico da faca, em que se corta apenas o cacho do arroz para encher a mão; já na segunda alternativa, corta-se o arroz no pé com a faca e, depois, ele é levado para o batedor feito de madeira de pau, quatro varas e quatro fatias. Então:

Botava na estiva, fazia a estiva e botava a cama. Hoje, o povo não quer mais em cegar [*sic*] arroz no pé, mas primeiro era no bico do pé – se aguentasse e se não aguentasse – mas era no bico do pé. Nesse tempo, seu pai fazia quibono, tapiti e só não fazia imprensa, que aqui não tem ninguém que sabe, e fazia peneira – isso tudo ele sabe¹².

Assim, pegava-se o arroz e o colocava no sol para secar. Depois do processo de secamento, ele era retirado e colocado na cama feita de pau (estiva) para guardá-lo, e, quando se pretendia socar o arroz, era preciso tirá-lo da estiva. A senhora Joaquina se refere ao bico do pé como os grãos de cacho pisados para serem desbulhados – não havia outro modo para fazer tal procedimento. Cumpre afirmar que, atualmente, as pessoas da comunidade não se interessam por desbulhar o arroz no pé.

¹² *Idem.*

Figura 9 - Plantação de arroz

Fonte: Elaboração do autor (2021).

Figura 10 - Mudas de arroz

Fonte: Elaboração do autor (2021).

Diante disso, o senhor Teotônio comenta sobre as características da roça:

Olha, nessa época havia precisão porque [...] o povo fazia roça, sim, no leito do rio. Assim [...], sempre tinha aquela barra, porque a terra era melhor [sic] e aí tinha vez que fazia cinco ou seis pessoa [sic] assim tirando do campo pro rio. Acontecia que eles plantava [sic] a roça e, no final, quando o arroz estava grande, dava aquelas chuva pesada [sic]. No outro dia, quando eles chegava lá, tava [sic] tudo coberto de água e aí, no lado alto, a água descia logo e aproveitava mais o lado do rio, não sobrava nada, e aí acontecia a precisão. Tinha uns que o pouco que ele colhia [sic] ele falava assim, é esse, eu vou guardar pra época das água [sic], que é a época que ninguém pode dar volta, e aí ele fazia aquele surrão de couro e colocava o arroz e guardava, e os outros não importava [sic] – enquanto tiver, eu vou comendo. Na outra época, os outros que ia [sic] ajudar ele [sic], porque ele não tinha, e na época das água [sic] era difícil pra conseguir alguma coisa para comer, e aí acontecia assim. E outra, eu vendo, estava no Monte Alegre vendo lar no postim [sic], as meninas eu calculei que não tinha [sic] nem 12 anos, máximo 12 anos, levando menino pra vacinar. Na época, de primeiro, a pessoa pra casar, uma mulher pra casar, uma menina pra casar, tinha que ter o mínimo 20 anos, mas a maioria era 30 anos, rapaziada não tinha essa chance de tá lisando [sic] menina nessa época, não. Quando os pais ia [sic] pra festa, quando elas sumia [sic] um pouquinho no escuro, já tava [sic] no pé caçando, já tava [sic] caçando, só sei que achou ele bonito, quer namorar com ele, senta aqui, na minha presença, aqui, ó... Mas aí eu achava errado porque tem uns cara de pau que fica [sic],

mas a maioria fica com vergonha e não vai, não. E aí acontecia assim: só casava com 30 anos. Várias meninas eu vi casava [*sic*] com 30 anos e hoje, com 12 anos, menina já tá [*sic*] casando, namorando e já quer casar. Aí é difícil¹³.

Para o senhor Teotônio, sempre que iriam plantar arroz na roça daquela época era escolhido o local onde havia abundância de água, para não depender de chuvas. Aqueles que plantavam em lugares baixos perdiam a metade da produção, devido à chuva forte que tornava o local um poço de água acumulada – o menor índice de produção era guardado para a época da chuva. Convém salientar que, na parte alta, a água não ficava parada e descia com mais rapidez, em que faziam a roça em grupos de cinco a seis pessoas com a intenção de aumentar a produtividade. À época, era difícil conseguir algo para comer, e as pessoas que não tinham condições recebiam doações dos produtores.

O senhor Teotônio descreve uma situação ocorrida no postinho de Monte Alegre de Goiás, na qual uma adolescente, de aproximadamente 12 anos de idade, estava a caminho para vacinar o filho, mas sem um responsável adulto. À época dele, uma mulher precisaria ter, no mínimo, 20 a 30 anos de idade para se casar, uma vez que os pais não aceitavam, os rapazes não tinham chance de namorar no escurinho. Quando iam às festas, as filhas ficavam ao lado dos responsáveis o tempo todo, e aquelas que desapareciam eram procuradas imediatamente, Caso a moça encontrasse um rapaz à sua altura, o pai autorizava namorar até o casamento, a ser realizado a partir dos 20 anos de idade.

Nesse entremeio:

[...] o plantio do arroz demanda maior investimento de tempo e mão de obra por parte dos agricultores Kalungas, se comparado com produtos anteriormente citados. Seu plantio inicia-se no final de novembro e dura até janeiro, quando os solos já estão úmidos e as chuvas regulares. Após o primeiro mês, é necessário que se retorne as roças para a limpa do terreno, o que se repetirá após mais dois meses. No terceiro mês, após o plantio, é preciso que se quebrem as ramas mais altas da vegetação que se desenvolve entre o arroz. Isso evita a aproximação dos pássaros que predam a plantação. Entre o terceiro e o quarto mês é preciso que se mantenha alguém diariamente nas roças, a fim de vigia-la. Essa atividade é realizada por o grupo familiar, que é auxiliado por instrumentos como o bodoque, o estilingue e as fundas, como já foi citado (FERNANDES, 2014, p. 86).

Particularmente, o plantio do arroz é o maior investimento dos agricultores da comunidade Kalunga e que envolve mão de obra braçal. Posteriormente, a plantação do arroz se inicia na época da chuva, entre novembro e janeiro – no primeiro mês, retornam à roça para limpar o terreno e fazer o plantio. Logo após o plantio, espantam-se os pássaros para não deixá-

¹³ Informação verbal concedida por Teotônio em 2021 em entrevista.

los se alimentarem da plantação, e, no último mês, quando o arroz já está parido, retorna-se à roça para vigiar diariamente até ficar no ponto de colheita.

O senhor Teotônio também se refere à tragédia que aconteceu com a mãe dele. Acha que um mal ocasionado por macumba em forma de uma espinha ao lado do rosto, em que ela não aguentou faleceu. Era uma mulher guerreira, morena, forte, alta e linda.

Também perguntamos a ele se poderia narrar, sobre os saberes e fazeres da comunidade Kalunga, além da preservação da cultura quilombola:

Aqui, os saberes e fazeres é que a gente faz um pilão, uma mapilão, um quibano, um tapiti, é o que a gente sempre usa nas coisas pra fazer uma farinhinha [sic] e é várias coisinha [sic]. E a gente sabe muito remédio caseiro, raizada para quem bebe cachaça, e tem muito remédio para colocar na cachaça [...]. No mais, na época da festinha, sabia farrear, rezar, e hoje eu não rezo mais. Hoje eu faço é orar... dançar eu dançava demais, dançava sussa, nós tinha [sic] uma caravana que iria lá pra São Jorge mexer com sussa, foi muitas vezes [...], levava as coisinha [sic] para vender, levava umas varinha [sic] pra vender, vara pra fazer o quadro, era pra poder aquecer esterintrado [sic], ficar no meio, e as varinha [sic] era pra acender as candeinha [sic]. Nós levava as candeinha [sic] pra vender, chega lá vendia, pegava a graninha e jogava no bolso e ia gastar com as coisa [sic] de comer, coisa importante. Lá, o povo dançava sussa, dançava forró, dançava tudo e o povo gravando tudo, e muitas pessoas enricou [sic] através dessas gravação [sic] dos Kalungas. Mas é os povos de fora que enricou [sic], nós mesmo ficou [sic] chupando o dedo, e eu tocava muito nessas festinhas. A comunidade conseguiu uma sofrona em vários lugar [sic], conseguiu seis sofrona [sic] em cada local, tinha duas e, no meu local, tinha duas; aí eu iria pra festa tocar em sussa, tocava em forró, tocava em marte, que o marte de São João, fazia fogueira e tocava de roda fazendo aquela continência, e aí terminava e tocava na festa. O povo dançava e farreava adoidado, só que hoje eu não toco na festa. Aí eu decidia assim: passei pra lei de Deus, aí eu decidi, larguei elas e decidi outras coisa [sic] melhor para mim, e hoje eu toco na igreja e não tem atenção de parar. Vou tocar até o final, até morrer, é que preciso tocar lá no céu e agradeço a oportunidade. A importância aqui que eu tenho é aos brejos, que tenho umas lagoas aí, muito importante. Eu não deixo cortar pau nela e não deixo fazer roça, que é a preservação das águas porque a chuva está pouca. Então, tem que preservar a quem é no momento e só¹⁴.

O senhor Teotônio pondera que os saberes e fazeres na comunidade compreendem itens criativos, como mapilão, pilão, quibano e tapiti, que servem para o próprio consumo, como socar arroz, fazer farinha etc. Naquele período, o remédio mais encontrado era caseiro, a exemplo da raizada colocada na pinga e na água. Antes, ele era católico e sabia fazer remédios desse tipo, rezar, dançar forró e sussa, mas hoje não realiza tais atividades por ser algo pecaminoso.

¹⁴ Informação verbal concedida por Teotônio em 2021 em entrevista.

Até hoje, há eventos culturais em São Jorge, Goiás, o que compreende uma tradição anual daquele município. São enviadas caravanas que buscam as pessoas da comunidade para participar das festas e comercializarem itens como candeia feita de algodão, varinha de fazer marte para enfeitar, varinhas grandes para elaborar o quadro do império e uma do marte bandeira.

Pessoas do interior se enriqueciam com a gravação dos eventos e os povos da comunidade não recebiam nada em troca. O senhor Teotônio tocava sanfona nas festas, para fazer a continência na varinha de marte, em forró e em sussa; porém, isso não acontece mais, uma vez que ele toca o referido instrumento apenas na igreja evangélica.

Vale ressaltar que, de acordo com Rosa Junior (2017, p. 9): “A sanfona é um instrumento muito apreciado no Brasil, em especial na região Nordeste, onde o forró faz parte da cultura popular e o acordeom vem a ser o instrumento que mais caracteriza esta manifestação”. Na comunidade nordestina, a sanfona é utilizada com frequência, ao passo que, nas comunidades Kalunga, são tocados estilos como forró e sussa, além de ocasiões a exemplo da festa junina e de outras manifestações culturais.

A comunidade da Fazenda Tinguizal se volta à preservação da natureza e da terra. Não se desmata o mato do brejo e, tampouco, o do rio, em virtude dos baixos índices de precipitação. Diante disso, Neiva *et al.* (2008, p. 6) destacam que:

[...] as principais festas da romaria e as folias são realizadas em todas localidades em diferentes épocas do ano. Dentre as quais se destacam a Festa de Santo Antônio, São João São, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora D’Abadia, Nossa Senhora Aparecida, Sebastião Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo.

Os autores discorrem que a festa da romaria e as folias são os principais eventos do território Kalunga. Também há outras comemorações realizadas em diferentes períodos do ano, como as festas de Santo Antônio, São João, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora D’Abadia, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo. Neiva *et al.* (2008) abordam que, em relação aos aspectos culturais, é importante a preservação do costume e das tradições, ou seja, da identidade da comunidade.

A sussa, tradicional dança Kalunga de origem africana, é praticada pelos moradores que a consideram um importante elemento da cultura local. No entanto, 70% avaliam que não existe o mesmo interesse por parte dos mais jovens que, muitas vezes, preferem os costumes e festas da cidade (NEIVA *et al.*, 2008). O povo da comunidade Kalunga considera os costumes como uma tradição passada de geração para geração, mas que tem perdido o foco devido ao

desinteresse de alguns moradores. Isso se deve ao fato de os jovens seguirem outros costumes, como ir à cidade para curtir balada, beber e fumar, em detrimento das próprias origens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a minha condição de quilombola Kalunga e habitante da Comunidade Tinguizal e por meio das narrativas de idosos, neste trabalho objetivamos valorizar suas histórias e refletir sobre a importância dessas pessoas na cultura brasileira em uma proposta ancorada na história oral de vida e na narrativa. Nesse caso, são observadas visões de mundo com histórias contadas, sabedorias, experiências, em que se desconsideram eventuais equívocos no modo de falar ou de agir.

A velhice e a existência desses sujeitos se tornam mais relevantes em uma modernidade líquida e fluida, para mostrar o verdadeiro caminho do respeito e da dignidade humana. Demonstramos alguns elementos culturais da comunidade e os valores ancestrais da comunidade Kalunga, o que contribui sobremaneira para desenvolver um relacionamento mais sólido e com respeito aos idosos.

Por meio da valorização dos saberes e fazeres, abordamos a oralidade passada de geração para geração, em que são transformados os saberes e a tradição do povo Kalunga em costumes como festas, rezas, folias, crenças, dança sussa, plantio de arroz e outros. Importante salientar que os eventos e as tradições são de suma importância para a comunidade analisada, em que comemoram sua existência e homenageiam os ancestrais.

Nesse sentido, cabe aos jovens da comunidade Kalunga preservar a cultura quilombola e a multipliquem de fato. Os conhecimentos adquiridos nesta pesquisa poderão ser incorporados e aprofundados em trabalhos futuros, no que concerne a crenças, aspirações, valores, costumes, motivos e situações econômica e social desse povo.

Por fim, agradecemos à senhora Joaquina e ao senhor Teotônio, que nos deixaram ouvir suas histórias e usá-las na divulgação desta pesquisa. Temos o dever e o compromisso cívico de retorná-la à comunidade Kalunga e à escola daquele local – esse é o verdadeiro intuito de nosso trabalho, e não apenas compor um repositório na biblioteca da universidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANPUH-PB, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2. ed. Tradução de Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- DIAS, Valquiria Fernandes; ALMEIDA, Severina Alves; SILVA, Angela Maria; MORAIS, Angela Maria Dias; HONDA, Rosemeire Resende. Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga do Prata Goiás: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 2, p. 55-83, 2017.
- FERNANDES, Cecília Ricardo. **Saberes e sabores Kalungas: origens e consequências das alterações nos sistemas alimentares**. 2014. 139f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985. (Educação e Tempo Presente, 10).
- MONTE ALTO, Rosana Lacerda. **Saberes e fazeres quilombos: diálogos com a educação do campo**. 2012. 136f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2012.
- NEIVA, Ana Cláudia Gomes Rodrigues; SERENO, José Robson Bezerra; SANTOS, Sandra Aparecida; FIORAVANTI, Maria Clorinda Soares. Caracterização socioeconômica e cultura da Comunidade Quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: dados preliminares. In: SIMPÓSIO NACIONAL CERRADO, 9., 2008, Brasília. **Anais...** Brasília: Embrapa Cerrado, 2008.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo: Cerve; FFLCH; USP, 1983.

ROSA JÚNIOR, Reynaldo Felipe. **Relato de experiência do ensino de acordeon na Escola de Música Santa Cecília**. 2017. 35f. Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SANTOS, Valmir Crispim dos. **Extensão rural e valorização dos saberes/fazeres da comunidade Quilombola Kalunga de Monte Alegre de Goiás (GO)**. 2015. 206f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

SILVA, José Maria da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA JUNIOR, A. R. Vozes e versos na festa quilombola dos Kalunga. **Revista África e Africanidades**, ano 1, n. 1, p. 11, maio 2008.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. **Do tempo da sussa ao tempo do forró: música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás**. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Carta de apresentação



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Arraias /TO, 02 de fevereiro de 2021.

Sr. Teotônio Pereira Soares

A par respeitosamente cumprimentá-la, vimos por meio desta, apresentar o acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins /Campus Arraias, **Deuzimar Moreira Soares**, matriculado nesta instituição, que está realizando uma pesquisa no município de Monte Alegre(go) sob a orientação da Prof.^a Ms. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca, como parte integrante da Conclusão de Curso. O objetivo da pesquisa é de investigar os saberes e fazeres da comunidade Kalunga a partir das narrativas de pessoas idosas.

Informamos que o caráter, ético do trabalho ora proposto assegura a preservação da identidade das pessoas e instituições. Diante disso, solicitamos também, a permissão para a divulgação dos dados e respectivas conclusões, em forma de monografia. Desde Já agradecemos vossa compreensão no processo de desenvolvimento desta futura professora e da iniciação à pesquisa científica em nossa região. Em caso de dúvida, entre em contato com a professora orientadora eliana.fonseca@uft.edu.br

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, which reads 'Eliana Gonçalves da Silva Fonseca'.

Prof^a Ms Eliana Gonçalves da Silva Fonseca

Matrícula (31211904)

Apêndice 2 – Carta de cessão



CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento _____, eu, _____, brasileira, _____ (estado civil), _____ (função), residente e domiciliada à Rua _____, n. _____, Bairro _____, cidade _____, declaro ceder ao pesquisador brasileiro Deuzimar Moreira Soares, residente em Monte Alegre de Goiás, plena propriedade e os direitos autorais de utilização do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a ele no dia ___ de _____ de 2021, em um total aproximado de _____ horas de gravação. O referido pesquisador fica constantemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso a ele para fins idênticos.

_____ de fevereiro de 2021
